



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de batismo da plataforma P-51**

Angra dos Reis-RJ, 07 de outubro de 2008

Eu quero, cumprimentando o companheiro Sérgio Cabral, cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui no palanque. E quero cumprimentar especialmente vocês, companheiros trabalhadores do nosso querido País.

Eu sei que todo mundo aqui já falou e, portanto, não tenho muito o que falar, até porque o bom senso me faz enxergar a chuva que está caindo em cima de vocês. Mas é melhor estar se molhando um pouco porque estamos inaugurando uma obra de vocês, do que quando vocês se molhavam tentando vender alguma coisa aqui, em Angra dos Reis, porque não tinha emprego nesta cidade, pouco tempo atrás.

Quero apenas lembrar a vocês que não é correto... eu queria pedir para vocês não aceitarem essa disputa, que ela não é correta politicamente, de que uma obra vai ser feita aqui e outra vai ser feita ali. Não é uma disputa politicamente correta. Por quê? Porque quando vou ao Rio Grande do Sul – eu fui agora inaugurar a P-53 – a gente chega lá e pergunta: de onde você é? “Eu sou carioca”. De onde você é? “Eu sou de Pernambuco”. De onde você é? “Eu sou da Bahia”. Quando você chega na Bahia e faz a pergunta, é a mesma coisa.

O que é importante é que a gente tenha no Rio de Janeiro, em Pernambuco, na Bahia e no Rio Grande do Sul muitos estaleiros funcionando e gerando oportunidade de emprego para todo mundo. E isso, hoje, está muito mais claro para todos nós porque, graças a Deus, descobrimos petróleo na camada pré-sal, vamos ter que fazer muitos investimentos até 2012, 2013 e 2014. Vamos ter que construir muitas sondas, muitas plataformas, muitos



navios, vamos ter que fazer novos estaleiros e, portanto, daqui a pouco a gente estará produzindo plataformas para Cingapura, Noruega, Holanda, Espanha, Argentina, Colômbia e Venezuela.

O que nós queremos é construir no nosso país uma grande base de indústria petrolífera, de indústria naval, para que a gente possa ser uma base de produção, não apenas para as necessidades da Petrobras mas, também, para atender a demanda do mundo inteiro, cada vez mais, por mais petróleo e por mais gás.

Então, é importante ficar tranqüilo. É verdade que toda vez que vou inaugurar uma plataforma, a minha inquietação é perguntar para o Gabrielli: e o que vai entrar no lugar? Eu sei que se você inaugura uma plataforma, ela vai embora e não fica nada no lugar, o pessoal fica desempregado. Ficar desempregado é a pior coisa que pode acontecer na vida de um homem e na vida de uma mulher.

Obviamente que ainda estamos numa fase de estruturação da nossa indústria naval. É por isso que a ministra Dilma anunciou 10 bilhões de reais, que é uma espécie de garantia para que a nossa indústria naval possa ter a certeza de que vai ter financiamento para continuar crescendo no Brasil.

O que nós queremos, na verdade, é: na medida em que a gente comece a produzir a quantidade de sondas que a Petrobras precisa... são 38, acho, de imediato, ou 14 de imediato. Fizemos uma pesquisa na indústria brasileira, algumas vão ter que ser feitas fora, enquanto a nossa indústria se prepara para fazer aqui dentro. E a gente, que hoje tem mais ou menos 40 mil trabalhadores, quer voltar a ter 50, 60, 70 mil trabalhadores na indústria naval brasileira.

Esse é um compromisso do nosso governo, e é um compromisso que já está consagrado, porque ninguém mais terá coragem de dizer que o trabalhador brasileiro não é capaz de fazer uma plataforma destas. Não haverá na história da Petrobras nenhum diretor, nenhum presidente, em qualquer governo, que tenha a coragem de dizer a insensatez que disse a diretoria antes



de a gente assumir, de que ficaria 6% mais barato construir lá fora. E ainda falam assim: “Imagine 6% em 500 milhões de dólares? Seis por cento em 500 milhões de dólares seriam 30 milhões de dólares”. O que são 30 milhões de dólares para a Petrobras? Não valem 10% da alegria que está gerando neste país, com a quantidade de salário, com a quantidade de empregos indiretos, com a quantidade de imposto. Então, isso é sagrado: vamos ter a maior indústria naval. Éramos a segunda do mundo. Logo, logo, queremos voltar a ser a segunda ou a primeira indústria naval do mundo.

A segunda coisa que é importante dizer para vocês, rapidinho, por causa da chuva. Se eu não disser agora, vocês vão chegar em casa, vão ligar a televisão, vão comprar um jornal amanhã ou vão ouvir no rádio que tem uma crise mundial. Aliás, Sérgio, essa é a primeira crise que o governo não tem que explicar que é internacional, porque todo o povo brasileiro já sabe que essa crise está acontecendo por causa da especulação financeira que começou nos Estados Unidos da América do Norte. Eles brincaram com a economia, brincaram com a política de financiamento, e na hora em que a porca entorta o rabo, sobra para nós.

Quero lembrar a vocês que no Brasil tem muita gente que acha ruim quando eu falo que a crise, se chegar ao Brasil, vai chegar mais leve. Tem muita gente que acha que é prepotência minha, tem muita gente que acha que é arrogância minha quando digo que a crise, se chegar ao Brasil, vai chegar mais leve. Até porque tem algumas pessoas torcendo para que a crise venha rápido para o Brasil e cause o estrago que já causou em outras crises, porque tem gente que não se conforma de o Brasil estar dando certo. Tem gente neste país que parece que fez pós-graduação para malefícios. Pessoas que parece que estudaram apenas para ver as coisas negativas, as coisas positivas não interessam.

Eu queria que vocês entendessem o que estou falando: a crise americana é uma crise muito profunda, talvez seja a maior crise dos últimos 50



anos, acho que só teve igual a essa a de 1929. É uma crise profunda, e está chegando na Europa, porque também os bancos europeus participavam do cassino imobiliário dos Estados Unidos. Essa é a verdade.

Agora, quando era o Brasil que tinha problema, todo dia tinha banco dando palpite: “faz isso, faz aquilo”. Toda semana descia uma equipe do FMI: “faz isso, faz aquilo”. E o coitado do Brasil quebrava. Acontecia uma coisa na Argentina, todo mundo dava palpite, o FMI estava lá. Cadê os palpites que eles estão dando agora na crise americana? Cadê o FMI? Por que o FMI não está lá dando palpite? Por que não estão na Europa dando palpite? É porque a crise é deles. E quando a crise é deles, é que nem gente que não gosta de pobre: a crise é deles, eles fingem que não tem crise.

Fui agora ao G-8. No G-8 tentei discutir duas vezes a crise, e eles não quiseram discutir: “vamos discutir meio ambiente”. Aí, eles querem falar da Amazônia, mas não querem falar da crise.

Nos Estados Unidos, só para vocês terem idéia, já tem mais de 400 mil trabalhadores que perderam a casa – não é mole. Agora, vou dar um dado para vocês compararem o que estou falando aqui. Primeiro, a crise do México – foi em 94? – deu um rombo na economia de 50 bilhões de dólares, e o Brasil quase quebra. A crise da Ásia deu um rombo de 70 bilhões de dólares, e o Brasil quebra. A crise da Rússia deu um prejuízo, na Rússia, de 40 bilhões de dólares, e o Brasil quase quebra.

A crise americana, só nos Estados Unidos, já deu um rombo de 1 trilhão de dólares, é mais de 30 vezes todas as outras crises juntas. E qual é a mágoa deles? É que o Brasil até agora não quebrou. Essa é a mágoa de alguns: é que até agora o Brasil não quebrou. Não estou dizendo que a gente não pode ter dificuldades, mas até agora o Brasil está em pé, porque fizemos as coisas que tínhamos que fazer.

A dívida interna brasileira, Sérgio, era em dólar. Qualquer coisinha lá fora, o Brasil quebrava. Agora, a nossa dívida é em real, não tem dívida



dolarizada. Agora, não devemos ao FMI, temos 207 bilhões de dólares guardados, de reserva.

Nós fizemos o sacrifício que tínhamos que fazer. É como aquela fábula da formiguinha: enquanto a cigarra cantava, a gente trabalhava. Enquanto algumas pessoas queriam que a gente gastasse, a gente guardava. Enquanto algumas pessoas queriam que a gente fizesse muitas coisas, nós preferimos fazer aquilo que cada trabalhador aprende a fazer dentro de casa, ou cada mulher o ensina a fazer: só gastar aquilo que pode gastar, só comprar aquilo que pode comprar, porque se o trabalhador fizer a “farra do boi” com o seu salário, quem vai pagar o preço é o seu filho, é a sua família. Nós precisamos tratar o País com esse cuidado. Na verdade, a gente não deve nem governar o País, a gente deve cuidar do País, cuidar como a gente cuida da nossa família.

Então, companheiros, ontem tomamos algumas medidas. Resolvemos tomar uma medida para facilitar que os bancos pequenos que têm carteira de empréstimos consignados ou outro empréstimo, em vez de quebrarem, possam fazer o redesconto no Banco Central. Tomamos uma outra medida, de fazer com que os exportadores brasileiros possam utilizar parte das reservas, sem diminuir as nossas reservas, porque são empréstimos, para poder fazer as exportações.

E vamos tomando medidas a cada dia. Não terá pacote econômico. Quero dizer para vocês que toda vez que neste país se falou em pacote econômico, quem ficou com o prejuízo foi o trabalhador brasileiro. Então, não tem pacote, vamos tomando medida por medida. A cada fato que se apresentar, a gente vai tomar uma medida, sempre na expectativa de que o pacote americano ajude a resolver os problemas deles, e que os europeus tomem cuidado para resolver os problemas deles. E, pelo amor de Deus, tenham juízo, porque quando a gente estava comendo o pão que o diabo amassou aqui, ninguém ajudou a gente. Agora que a gente está comendo um pãozinho com mortadela, não queremos voltar a comer o pão que o diabo



amassou.

Vocês se lembram que na época das vacas magras ninguém vinha aqui ajudar. Agora, quando tem prejuízo, eles querem socializar com a gente. Esse tipo de socialismo nós não queremos, socializar a miséria nós não queremos, queremos socializar a bonança.

Por isso é que nós vamos continuar trabalhando. E eu queria que vocês tivessem em conta que durante muitas semanas ainda vai se falar em crise no mundo, em crise no País, a Bolsa vai subir e vai descer. Não se abalem, porque cada um de nós tem que passar, primeiro, a certeza de que este país se encontrou com o seu destino e que não há nada no mundo que vá fazer a gente voltar à era do desemprego, da miséria, do abandono de milhões e milhões de trabalhadores.

Quero terminar dizendo para vocês o seguinte: toda vez que alguém falar em crise, olhem para aquilo ali. Os mesmos que estão torcendo para a crise pegar o Brasil são os mesmos que diziam que isso aqui tinha que ser feito no exterior porque vocês não tinham competência para fazer uma obra dessas.

Ora, um país que é capaz de fazer uma Embraer, que é capaz de fazer uma Petrobras, que é capaz de fazer uma plataforma dessas, um país... Sérgio, essa é novidade: o Brasil passa, a partir de agora, a ser o 5º país do mundo a produzir turbina. No ITA nós já vamos fazer experimento de turbina, agora vai ser 30 dias funcionando a gás. Só tem quatro países que produzem, o Brasil será o 5º país. E isso, engenheiro brasileiro, cidadão e cidadã brasileira.

Então, toda vez que falarem em crise, a gente tem que estar preocupado. Porque a crise, o que acontece? Gera especulação. Depois da especulação, gera desconfiança. Depois da desconfiança, o cidadão fala: "Não vou gastar meu dinheiro, vou guardar porque estão dizendo que está em crise".

Companheiros, continuem fazendo as mesmas coisas que vocês faziam, porque nós vamos cuidar. Se algum dia eu tiver que ir para a televisão e dizer:



companheiros, a porca entortou o rabo, podem ficar certos de que vou para a televisão... Com a mesma hombridade que estou falando para vocês que estamos cuidando da crise, quero dizer para vocês: continuem trabalhando, acreditando neste país, porque já vencemos a crise da plataforma e vamos vencer a crise econômica que está hoje tomando conta de vários países.

Graças a Deus, o nosso país está bem. E se Deus quiser, ele vai continuar melhorando. Pode ter um ou outro problema, mas é importante que tenha problema para a gente poder resolver.

No mais, companheiras e companheiros, eu estava ouvindo os discursos dos companheiros e estava lembrando do orgulho de vir aqui, o orgulho de ver... Isto aqui é como se fosse um filho parido por todos nós. Isto aqui saiu do útero do povo brasileiro. Esta é nossa filha, onde ela estiver e onde tiver um peão brasileiro, um engenheiro brasileiro, a gente tem que dizer: “Nós somos porretas mesmo. Somos capazes de fazer isto e muito mais do que isto”.

Um abraço. Que Deus abençoe. E vamos vir aqui inaugurar outra plataforma.

(\$211A)